

Dossiê n. 12: Inquisição e Morte

Poucas instituições históricas despertam tanta repulsa quanto a Santa Inquisição. Tribunal religioso de perseguição aos desvios no mundo ibérico, a Inquisição é também objeto recorrente de leituras e releituras. Este número 12 (volume 6) da **Revista M. Estudos sobre a Morte, os Mortos e o Morrer**, organizado por **Ronaldo Vainfas**, professor do Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, apresenta o **DOSSIÊ Inquisição e Morte**. Com a publicação deste número, a **Revista M.** contribui para mais uma das ações acadêmicas realizadas neste ano de 2021, no marco dos 200 anos do fim da Inquisição portuguesa. Para isto, apresenta cinco reflexões sobre as relações entre o Tribunal da Inquisição e aspectos ligados à morte, o morrer e os mortos.

O texto **A inquisição e a morte: o caso português**, de **Ronaldo Vainfas**, realiza um balanço historiográfico que desafia o senso comum que imagina a inquisição como máquina intencional de morte. Sem negar seu caráter repressivo, o autor mostra como grande parte da imagem que temos da inquisição provém de leituras associadas à tese da Legenda Negra de origem

* Doutor em Estudos Mesoamericanos pela Universidade Nacional Autônoma do México. Professor Pesquisador da Área Acadêmica de História e Antropologia da Universidade Autônoma do Estado de Hidalgo (UAEH). Membro do Sistema Nacional de Pesquisadores do México. Presidente em exercício do Conselho Editorial da Universidade (UAEH). CV: [Manuel Alberto Morales Damián \(uaeh.edu.mx\)](mailto:Manuel%20Alberto%20Morales%20Dami%C3%A1n@uaeh.edu.mx)

**Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Professor Livre-docente pelo Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAU-USP. Professor titular do Programa de Mestrado em Cidades Inteligentes e Sustentáveis da UNINOVE. CV: <http://lattes.cnpq.br/5044872646602103>.



protestante, que tem como fundo a denúncia do atraso e obscurantismo do mundo católico. Contextualiza a Inquisição em seu tempo, um tempo de crueldades e silenciamentos, não apenas nos meios católicos. Evidencia que a pena capital foi pouco praticada pelo Santo Ofício, em contraponto à grande variedade de sentenças que proferiu. O trabalho de Vainfas aponta a centralidade e, também, a beleza de retorno a temas históricos, com novas perguntas e inquietações. Ao mesmo tempo, enfatiza tensões nos demais textos do dossiê, ancorados na documentação dos procesos, reiterando as narrativas de censura, repressão, aprisionamento e morte.

Morrer mil vezes! As várias mortes de Ana Rodrigues, moradora na Bahia, condenada pela Inquisição, de **Angelo Adriano Assis**, Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa, analisa o caso da cristã-nova Ana Rodrigues Antunes, moradora no Recôncavo da Bahia, processada pelo Santo Ofício em fins do século XVI por judaísmo. Antunes foi presa e morta nos cárceres da Inquisição de Lisboa. Mais de dez anos após seu falecimento, foi condenada a uma segunda morte, seus ossos desenterrados e queimados num auto da fé. O artigo busca responder às indagações do autor: “quantas vezes é possível morrer? De quantas formas se morre?”.

O artigo **Judaizantes queimados: Rio de Janeiro setecentista**, de **Lina Gorenstein**, que foi pesquisadora do Departamento de Documentação do Museu da Tolerância da Universidade de São Paulo, versa sobre os processos inquisitoriais de dois cristãos-novos acusados do crime de judaísmo. Matheus de Moura Fogaça e Tereza Paes de Jesus foram presos e condenados à morte em Lisboa. O texto permite entrever o imaginário dos processados e descreve o cadinho cultural em que viviam os cristãos novos da época.

Morrer nos cárceres do Santo Ofício, de **Daniela Buono Calainho**, professora do Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, dialoga diretamente com o artigo de Angelo Adriano de Assis, revelando um ecossistema de vida e de sobrevivência nos cárceres em que os condenados passavam longos anos. Mais do que uma antessala da morte, o cárcere era um ambiente complexo de relações e de transmissão de cultura considerada herética, envolvendo oprimidos e opressores, permeado de medo, doenças mentais e tormentos.

O texto de **Luiza Tonon da Silva**, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, intitulado **A morte na Inquisição de Goa: processados, condenados e fugitivos**, busca significados da Inquisição em Goa, em que pese a significativa perda e fragmentação das fontes primárias. O artigo evidencia que, a despeito da acusação da maior parte dos processados pelo Santo Ofício de “islamismo” e “gentilidades”, o maior número de condenações à morte foi por judaísmo, revelando o caráter global da perseguição antijudaica.

Os quatro artigos da Seção **ARTIGOS LIVRES** estão situados no campo mais amplo dos estudos sobre a morte, o morrer e os mortos. O artigo **La muerte: un amplio campo multidisciplinar de indagación**, de **Carolina Mazzetti Latini**, professora da Facultad de Ciencias de Comunicación da Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, destaca o caráter pluri, multi, inter e transdisciplinar dos estudos sobre a morte, o que propicia uma visão



integrativa do conhecimento em que a morte é investigada, tanto em seu contexto quanto em seu significado. Efetua uma revisão acerca das diferentes abordagens disciplinares, bem como dos diversos interesses e nuances que permeiam os estudos sobre a morte. Destaca a relevância de que as ciências da comunicação passem a abranger determinadas áreas ainda não exploradas ou trabalhadas a partir de outras disciplinas, requerendo uma perspectiva de comunicação, sobretudo nestes tempos de COVID 19, em que o fantasma da morte viaja pelos continentes e pelo imaginário.

A investigação de **Guido Alejo Sciurano**, doutorando em Ciencias Sociales pela Universidad Nacional de General Sarmiento, na Argentina, e **Liliana Virginia Siede**, investigadora da Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (sede Argentina), que resultou no texto ***Muerte y clivaje político en la Argentina contemporánea. Una etnografía digital de la opinión pública sobre el homicidio de Fernando Báez Sosa***, recorreu à etnografia digital, utilizando a rede social digital Twitter para coletar informações sobre as posições de seus usuários em torno do assassinato de Fernando Báez. Além de fazer uso eficiente das ferramentas tecnológicas, os autores propõem uma rica interpretação sobre a maneira como as opiniões são produzidas a partir da clivagem política, o que implica na articulação com uma ideologia determinada pela posição de classe. Desse modo, destacam que a violência e a morte são conceituadas a partir de uma fissura social e histórica, que divide os argentinos entre forças progressistas e reacionárias; da mesma forma, eles alertam sobre o perigo de polarizar identidades.

O artigo ***Koans, ascese, iluminação e budismo em “A menina de lá”, de Guimarães Rosa***, de **Marcelo Marinho**, professor do Programa de Mestrado em Literatura Comparada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, e **Mirian Santos de Oliveira**, Professora do Programa de Pós-Graduação em História da mesma universidade, baseia-se na análise literária e no estudo comparativo das religiões, bem como na revisão da biografia do autor e da fortuna crítica. Com uma filologia específica, o personagem da história é exposto passo a passo, seguindo o padrão de um koan em que os espaços, personagens e situações expressam uma escrita hipercodificada em que imagens e símbolos de diferentes tradições cruzam mulheres religiosas que aceitam livremente a morte como um passo em direção à iluminação.

Este número 12 da **Revista M.** se encerra com o artigo ***Estratégias de coping de trabalhadores de enfermagem frente à morte em unidade de terapia intensiva neonatal***, fruto do trabalho colaborativo de um grupo de pesquisa em Enfermagem, formado por **Elias Barbosa de Oliveira**, professor do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; **Bruna dos Reis Martins**, Enfermeira Neonatologista do Hospital Maternidade Maria Amélia Buarque de Hollanda; **Sandra Teixeira de Araujo Pacheco**, **Jane Marcia Progianti** e **Rosangela da Silva Santos**, professoras do Departamento de Enfermagem Materno Infantil da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; e **Ana Rita Alves Ferreira**, professora da Escola Técnica de Saúde Herbert Daniel de Souza e Enfermeira do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Em uma unidade de terapia intensiva neonatal, um questionário de estratégias de enfrentamento foi respondido por 44 enfermeiras. A partir desses dados foram identificadas as estratégias mais utilizadas e seu



impacto para reduzir a tensão produzida pela doença e morte de um recém-nascido, tanto entre familiares quanto entre enfermeiros.

Enquanto o dossiê *Inquisição e Morte* oferece um olhar histórico e enfatiza a vitalidade das fontes históricas que sempre despertam novas leituras, os Artigos Livres apresentam estudos oriundos dos campos da comunicação, etnografia digital, análise literária e enfermagem. Com este conjunto complexo, a atual edição da **Revista M.** mostra, mais uma vez, a natureza multidisciplinar dos estudos da morte.

